

O PÓS-MARXISMO E O ESPAÇO COTIDIANO

Armando Corrêa da Silva
Adjunto
Professor ~~Servo-Docente~~
do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

A distinção entre o marxismo ortodoxo e o marxismo heterodoxo re apresenta um equívoco que instala, no âmbito da polêmica racionalismo x irracionalismo, um elemento contraditório que anti-dialeticamente não é capaz de resolver o conflito. O equívoco apresenta-se, por exemplo, nos esforços inúteis, porque cansativos e sistemicamente enclausurados, da polêmica Lucio Colletti ("A crise do marxismo") x Perry Anderson ("A crise da crise do marxismo")¹. Os movimentos que ambos fazem para, de um lado, libertar-se do peso do passado e, de outro, resgatar esse mesmo preterito são tragi-cômicos, mesmo quando há seriedade de propósitos e nem sequer representam novidade no interior da própria tradição original.² São voltas e contra-voltas determinadas pela própria indicação doutrinária: a crítica e a auto-crítica.

Recentemente, Sérgio Paulo Rouanet ("Pós-moderno: a nova cara do velho irracionalismo")³ tenta desmistificar o pós-moderno (uma nova ideologia da indústria cultural?) mostrando-o como algo que não ultrapassa os limites do próprio modernismo. Para ele "O racionalismo da direita tem que ver com a adequação instrumental de meios e fins, e não com a organização da sociedade justa. Sua razão é, na terminologia de Weber, a instrumental, em oposição à substantiva; na terminologia de Horkheimer, a subjetiva, em oposição à objetiva; e na terminologia de Habermas, uma razão atrofiada, limitada apenas à verdade científica, em contraste com a razão comunicativa, que restaura a unidade da razão desmembrada, e inclui tanto a dimensão cognitiva, quanto a moral e a estética." (p. 6) Mas, a crise do homem contemporâneo (renascentista, iluminista, romântico, moderno) põe também em xeque a substantividade, a objetividade e a razão comunicativa.

No interior daquela distinção assiste-se ao desmonoramento da cultura gerada no Ocidente (ainda existe?). A deseducação torna-se uma necessidade. Assim como a limpeza da fita do gravador. Para que?

A própria instrumentalidade negada impõe seus requisitos: a fita gravada, se é o caso, vai para o arquivo do intelectual informático, compondo os requisitos de uma nova História, fruto dessa nova praxis. Não há porque deter-se na sombra e no silêncio dos intervalos a não ser para retomar o fluxo do cotidiano.

* Comunicação apresentada na 39ª Reunião Anual da SBPC - Brasília - DF
12 a 18 de julho de 1987.

Assim, o trabalho do que se denominou "aqui e agora" parece vir a ser o elemento fundante dessa nova praxis. Tenta ele libertar a mente do passado e do futuro. A intenção assemelha-se boa: livrar o indivíduo de seus fantasmas e da pressão da mídia. No entanto, o resultado é a eliminação da consciência teórica, e esse resultado mutila o "histórico (genético) e o procedimento abstrativo-sistematizante (que evidencia as leis e as tendências)", como diz Lukács.⁴

Para recusar aquele enclausuramento referido é preciso, então, ao contrário de recuar para o histórico transcorrido ou desejar ultrapassar a "consciência possível"⁵, é preciso, dizemos, trazer o passado e o futuro para o presente, como um processo vivo mas desmitificado. A criação passa a ser, assim, um por-se o trabalho no ato de o produzir e reproduzir.

Isto levaria o reino da razão dialética a ficar violentado em sua dimensão ôntica? Ou há aí uma nova forma de objetividade? Uma objetividade que passa pela interiorização do objeto (a proposta é de Sartre)⁶ e inclui os sujeitos psicológico, cognoscente, coletivo e histórico?

A resposta remete a um distanciamento em relação ao marxismo-leninismo e, num primeiro momento, a sucessivas aproximações à historiografia inglesa, ao neo-marxismo norte-americano, à Escola de Frankfurt etc. Passa-se pela crise e pela resposta à crise do marxismo.

O impasse inicial se repõe.

Chamo pós-marxistas aqueles marxistas de várias tendências que viveram o impasse e se encontram procurando novos caminhos, fora da prisão do debate ideológico.

Vivemos um tempo de descobertas, a começar pelas auto-descobertas. E, também, de redescobertas, algumas delas tardias, como a da fenomenologia.

É um momento do trabalho difícil, que não pode recuar a não ser para viver efemeramente o resultado, por vezes precário, que se alcança.

O cotidiano, por isso, alcança uma dimensão maior e contém a História, a Geografia, a Sociedade e a Natureza.

A ideologia daí resultante é uma ideologia do cotidiano (como de finis uma vez para uma colega socióloga: a Geografia é uma ideologia do cotidiano!).

Por isso, o espaço. Não só esse imenso espaço de "inércia dinâmica"⁷, na expressão de Milton Santos, que contém os recursos e o capital fixo (fixado). Mas, principalmente o espaço de vida, de tal modo que se possa dizer que viver, no presente, é continuamente estar a abrir espaço, desde o da habitação até o da vida afetiva. A razão, apontada já por José Arthur Giannotti é a destruição da sociabilidade.⁸

A substantividade, a objetividade e a razão comunicativa a que se

refere Rouanet se esforçam por ressuscitar permanentemente em meio ao contínuo fragmentar do real. Fragmentar esse que nos afasta uns dos outros, separando trabalho e lazer, razão e intuição, partido e cidadão, lugar e classe etc.

Mas, aqui se insinua subversivamente a idéia de unidade, cara a uma determinada filosofia política. Como não atentar para as diferenças?

O pós-marxismo vive, assim, o dilema de construir a história não podendo livrar-se dela. Daí um certo apelo nostálgico ao existencialismo.

Nesse trabalho de demolição, de construção possível, longe da alegria e entusiasmo fáceis, age-se como os artistas de vanguarda que compõem suas unidades estéticas a partir dos materiais do sistema, encontrados nas ruas ou nas oficinas.

Com uma diferença: os artistas expõem suas obras. Mas, quem está lendo o que os geógrafos escrevem? Quem os está escutando?

Bibliografia e Transcrição

1. Colletti, Lucio (1983) Ultrapassando o Marxismo e as Ideologias, Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro. Anderson, Perry (1984) A Crise da Crise do Marxismo. Introdução a uma Debate Contemporâneo, tradução de Denise Bottmann, Editora Brasiliense, São Paulo.
2. Marx, Karl (1956) O 18 Brumário de Luís Bonaparte, Editorial Vitória, Rio de Janeiro. "A tradição de todas as gerações mortas opri-me como um pesadelo o cérebro dos vivos", p. 17.
3. Rouanet, Sérgio Paulo (1985) "Blefando no Molhado" in Folhetim, nº 462, Folhade São Paulo, 15 de dezembro de 1985, São Paulo.
4. Lukács, György (1979) Ontologia do Ser Social. Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx, tradução de Carlos Nelson Coutinho, Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo.
5. Goldmann, Lucien (1972) A Criação Cultural na Sociedade Moderna (Por uma Sociologia da Totalidade), tradução de Rolando Roque da Silva, Difusão Européia do Livro, São Paulo.
6. Sartre, Jean-Paul (1966) Questão de Método, tradução de Bento Prado Júnior, Difusão Européia do Livro, São Paulo.
7. Santos, Milton (1986) Por uma Geografia Nova. Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica, terceira edição, Editora Hucitec, São Paulo.
8. Giannotti, José Arthur (1986) A Universidade em Ritmo de Barbárie, Editora Brasiliense, São Paulo.
